

## **A resistência à ditadura civil-militar brasileira na escrita literária de três militantes**

Maria Cláudia Moraes Leite<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por finalidade apresentar alguns resultados da pesquisa de doutorado desenvolvida pela proponente e intitulada “Gênero, memória, literatura: a resistência à ditadura civil-militar brasileira na escrita de três militantes – Mariluce Moura (APML), Derlei Catarina De Luca (AP) e Sylvia de Montarroyos (POR-T)” (2023). A tese teve por objetivo investigar a escrita de autoria feminina sobre a resistência à ditadura. Para tanto, foram selecionadas as obras *A revolta das vísceras* (1982), de Mariluce Moura; *No corpo e na alma* (2002), de Derlei Catarina De Luca e *Réquiem por Tatiana* (2013), de Sylvia de Montarroyos. Pretendeu-se analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, a forma como as autoras articularam a linguagem para dar sentido às suas experiências nos movimentos de resistência, observando o que contaram e como contaram, bem como o que foi silenciado ou esquecido nos seus relatos. Além disso, buscou-se também compreender de que maneira as narrativas por elas construídas produziram fissuras nas interpretações hegemônicas sobre o passado ditatorial brasileiro. Estes pontos nortearam o trabalho que partiu da hipótese de que as narrativas construídas pelas autoras estavam atravessadas pela condição de cada uma como sujeito político marcado pelo gênero.

**Palavras-chave:** Ditadura civil-militar; Gênero; Memória traumática; Literatura.

No V Seminário Internacional História do Tempo Presente – Epistemologias do Sul Global, apresentei a minha pesquisa de doutorado, defendida em fevereiro deste ano no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH-UFRGS), intitulada “Gênero, memória, literatura: a resistência à ditadura civil-militar brasileira na escrita de três militantes – Mariluce Moura (APML), Derlei Catarina De Luca (AP) e Sylvia de Montarroyos (POR-T)”. Neste trabalho, tive como objetivo investigar a escrita de autoria feminina sobre a ditadura. A finalidade, ao estabelecer esse recorte, era examinar o que as mulheres contam – e o que calam – sobre a resistência à repressão. Meu olhar voltou-se, então, para a trajetória de três militantes: Mariluce Moura, Derlei Catarina De Luca e Sylvia de Montarroyos. A escolha dessas autoras justificou-se, num primeiro momento, pela possibilidade de análise da resistência à ditadura fora da luta armada, sempre tão cotejada pela historiografia, uma vez que as três integraram os quadros de organizações

---

<sup>1</sup> Doutora em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS). Membro do GENHI – Grupo de Estudos e Pesquisas de Gênero e História (IFCH-UFRGS). E-mail: [leite.mariaclau@gmail.com](mailto:leite.mariaclau@gmail.com).



clandestinas de agitação e propaganda: a Ação Popular Marxista-Leninista (APML), a Ação Popular (AP) e o Partido Operário Revolucionário Trotskista (POR-T), respectivamente. Após a leitura dos livros, percebi que eles ofereciam também diversas possibilidades analíticas, como trabalhar a construção da memória a partir de contextos políticos, sociais e culturais de escrita diversos, além de pesquisar narrativas estruturadas em diferentes gêneros discursivos, o que me levou a concluir que esses textos eram os ideais para comporem o corpus desta investigação.

Apresentei, na sequência, as obras produzidas por cada autora, juntamente com um pequeno resumo dos principais acontecimentos da militância de cada uma e que foram abordados nos livros.

### **MARILUCE MOURA**

Militante da Ação Popular Marxista-Leninista (APML). Foi detida em 1973 em Salvador, quando estava grávida. O marido, Gildo Macedo Lacerda, era dirigente nacional da APML e foi preso no mesmo dia. Ambos foram torturados em decorrência de suas atividades políticas. Mariluce foi solta 42 dias depois e Gildo foi morto sob tortura, sendo reconhecido como desaparecido político pela Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos, no dia 25 de janeiro de 1996. Até hoje os restos mortais do militante não foram encontrados. Em 1982, Mariluce publica *A revolta das vísceras*, livro que dá conta da sua militância, mas principalmente da repercussão da perda de Gildo em sua vida.

### **DERLEI CATARINA DE LUCA**

Militante da Ação Popular (AP). Foi detida em São Paulo no final de 1969 onde, na Operação Bandeirantes - OBAN, foi brutalmente torturada. Ficou detida até o início de 1970 quando, após um período de recuperação, desloca-se para a Bahia para dar continuidade ao trabalho que desenvolvia na organização. Em abril de 1972, para fugir da repressão, deixou o filho de poucos meses em Londrina (PR) com uma pessoa praticamente desconhecida. Após um curto período de clandestinidade no Rio de Janeiro, tendo passado também por Santa Catarina e São Paulo, segue para o exílio, voltando ao país somente após a promulgação da Anistia. Em 2002, publica *No corpo e na alma*, livro no qual pretende contar a sua trajetória política, assim como a da AP.



## **SYLVIA DE MONTARROYOS**

Militante do Partido Operário Revolucionário Trotskista (POR-T). Foi detida em Recife no final de 1964, quando ainda era menor de idade, juntamente com o seu noivo, o uruguaio Pedro MakovskyClemachuck, dirigente do partido em Pernambuco. Os dois foram levados para a Secretaria de Segurança Pública de onde Sylvia conseguiu escapar, sendo recapturada alguns dias depois. A partir desta segunda prisão, foi brutalmente torturada a ponto de perder temporariamente a sanidade, sendo internada na indigência do Hospital Psiquiátrico da Tamarineira. Em 2013, publica *Réquiem por Tatiana*, livro que também é uma denúncia da autora sobre a violência a qual foi submetida enquanto esteve sob a tutela do Estado.

Após esta pequena introdução, expliquei que as obras escritas por Mariluce, Derlei e Sylvia faziam parte da literatura de testemunho produzida a partir da memória sobre a ditadura civil-militar brasileira e explicitiei meu problema de pesquisa: entendendo a literatura como um local de (re)elaboração tanto da memória individual quanto da coletiva, apesquisa teve por objetivo analisar, a partir de uma perspectiva de gênero, a forma como as autoras articularam a linguagem para dar sentido às suas experiências nos movimentos de resistência à ditadura. O que contaram? Como contaram? O que silenciaram, esqueceram, recalcaram? Quais estratégias de autorrepresentação utilizaram? Como reconstruíram o passado e deram sentido ao presente? Estas foram as perguntas que nortearam o desenvolvimento desta tese que parte da hipótese de que as narrativas construídas pelas autoras estão atravessadas pela condição de cada uma como sujeito político marcado pelo gênero.

Além disso, elenquei os objetivos específicos traçados para o estudo:

- a) realizar uma análise histórica da literatura de testemunho produzida a partir da memória sobre a ditadura civil-militar brasileira;
- b) historicizar os testemunhos produzidos pelas autoras, identificando e relacionando os contextos de escrita e publicação das obras;
- c) especificar os gêneros literários/discursivos que podem ser atribuídos às obras; d) identificar as estratégias de autorrepresentação por elas utilizadas;
- e) investigar os recursos escolhidos pelas autoras para representar situações de dor e violência;
- f) verificar as marcas de gênero que, enquanto narrativa literária, perpassam as narrativas.



Na sequência, discorri brevemente que, na tentativa de contemplar os objetivos traçados para a pesquisa, desenvolvidos a partir do gênero como metodologia, a tese foi estruturada em três capítulos. Expus que a minha proposta era realizar uma leitura comparativa de *A revolta das vísceras*, *No corpo e na alma* e *Réquiem por Tatiana*, aprofundando também as especificidades de cada obra. Para tanto, cada capítulo dispôs de uma seção para cada autora, onde explorei as narrativas em suas singularidades. Ao final de cada capítulo, relatei os três textos, estabelecendo aproximações e distanciamentos entre eles, compreendendo as peculiaridades e os limites de se colocar em perspectiva testemunhos que guardam historicidades diferentes.

Como um dos objetivos deste trabalho era realizar uma análise histórica da literatura de testemunho produzida a partir da memória sobre a ditadura civil-militar brasileira, no *Capítulo 1*, “A literatura sobre a ditadura civil-militar brasileira: o testemunho sobre a resistência”, examinei as características de tal literatura, suas condições de emergência e situei os três livros que são objeto desta tese, historicizando os testemunhos produzidos pelas autoras ao identificar os contextos de escrita e publicação das obras.

Elizabeth Jelin, no livro *Los trabajos de la memoria* (2012), propõe que se pense e se analise as memórias decorrentes das ditaduras e das violações dos direitos humanos a partir de três premissas centrais. A primeira é que se entenda essas memórias como processos subjetivos estabelecidos com base em experiências individuais. A segunda é que se reconheça essas memórias como objetos de disputas, conflitos e lutas. A terceira é que se historicize essas memórias, ou seja, que se compreenda “*que existencambios históricos en el sentido del pasado, así como en el lugar asignado a las memorias en diferentes sociedades, climas culturales, espacios de luchas políticas e ideológicas*” (JELIN, 2012, p. 36). Neste primeiro capítulo da tese, baseei-me particularmente na terceira proposição da autora, procurando demonstrar os contextos políticos, sociais e culturais de escrita e publicação das obras em questão.

Como relatei, Mariluce, Derlei e Sylvia escreveram e publicaram em contextos específicos que podem ter influenciado a abordagem de alguns assuntos, bem como o silenciamento/esquecimento de outros: enquanto *A revolta das vísceras* foi escrito e publicado ainda no período da ditadura, *No corpo e na alma* e *Réquiem por Tatiana* tiveram sua escrita e publicação em diferentes momentos democráticos. Para trabalhar estes contextos,



utilizei alguns marcos de memória que foram explorados por Janaína de Almeida Teles (2011) na tese *Memória dos cárceres da ditadura: os testemunhos e as lutas dos presos políticos no Brasil*. Não tive a pretensão de encaixar na periodização proposta pela autora as obras analisadas nesta tese de maneira hermética, e sim utilizá-la para refletir sobre as possíveis relações entre o que foi escrito e os cenários de produção de memória sobre a ditadura civil-militar brasileira. As obras, muitas vezes, extrapolam essas demarcações, como o já visto caso de *Réquiem por Tatiana*, escrito e publicado em diferentes conjunturas.

Tendo em vista os diferentes contextos de escrita/publicação das obras, um ponto observado foi que o fato de cada autora ter produzido em períodos distintos implicou que se levasse em consideração na análise o que Jelin (2017) denominou de temporalidade do curso da vida: “*cada etapa impone supropio tono a las narrativas en función de las expectativas sociales vinculadas con el proceso de crecimiento y envejecimiento y los roles sociales asociados a ellas*” (JELIN, 2017, p. 103). Embora as autoras tivessem aproximadamente a mesma idade quando os fatos narrados ocorreram, quando foram escritos cada uma tinha uma idade diferente, passado por experiências distintas e com perspectivas políticas e sociais provavelmente diversas que podem ter influenciado cada narrativa. Além disso, a distância entre o tempo da experiência e o da narrativa, no caso de Derlei e Sylvia, pode ter permitido que as autoras fizessem um relato sobre a ditadura que foi, ao mesmo tempo, um relato sobre as suas juventudes.

Ainda no que diz respeito à elaboração dessas memórias, há mais um ponto que destaquei: as obras que foram escritas em períodos mais recentes se beneficiaram do acúmulo de experiência narrativa, imagética, estilística e editorial de obras anteriores. Nesse sentido, no caso dos livros analisados, *Réquiem por Tatiana* foi o que mais se favoreceu dessa memória cumulativa, conceito tão bem explorado por Aleida Assmann em *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* (2011). Já os livros que foram escritos após 2012, além deste acúmulo de memória, também foram amparados por uma reflexão mais apurada ocasionada pelos trabalhos desenvolvidos pela CNV – o que não foi o caso da obra de Sylvia de Montarroyos que foi apenas publicado após esse período.

No *Capítulo 2*, “Mulheres que narram: experiência, linguagem, formas de subjetivação”, com o objetivo de especificar os gêneros literários/discursivos que podiam ser atribuídos a cada obra, debati sobre as formas de subjetivação escolhidas por cada autora e que permitiram que fossem estabelecidas aproximações entre os textos analisados e



determinados gêneros literários/discursivos. Verifiquei também como as autoras estruturaram as narrativas, ao mesmo tempo em que identifiquei as estratégias de autorrepresentação por elas utilizadas.

No decorrer deste capítulo, dei início à análise de como Mariluce, Derlei e Sylvia articularam a linguagem para dar sentido às suas experiências nos movimentos de resistência à ditadura. Além disso, foi possível aproximar *A revolta das vísceras*, *No corpo e na alma* e *Réquiém por Tatiana* de gêneros literários/ discursivos – autobiografia, autoficção – a partir das estratégias de autorrepresentação utilizadas por cada autora, sempre levando em consideração os contextos de escrita e publicação dessas obras, ou seja, historicizando cada testemunho.

A partir da análise proposta, foi possível constatar, de uma forma geral, que algumas narrativas se repetiram nos relatos das três autoras, como por exemplo o início do envolvimento político a partir da atuação no movimento estudantil, o fato de terem sido criticadas pelos dirigentes dos respectivos partidos e de terem sido consideradas indisciplinadas, a forma como a divisão do trabalho era realizada nas organizações, o apoio e o acolhimento da família, embora este não tenha ficado tão evidente no caso de Mariluce. Quanto à escrita, há também algumas características em comum, como o caráter fragmentário dos textos, a acentuação de questões e lugares do cotidiano não visto pelas pessoas, uma narração que privilegia espaços privados, ambientes de intimidade, mas também espaços públicos que serviram à ditadura.

A subjetividade presente em *No corpo e na alma*, *Réquiém por Tatiana* e, principalmente, em *A revolta das vísceras*, por sua vez, se tornou possível porque o testemunho das autoras foi realizado de forma voluntária, fora do âmbito da justiça. Como coloca Vargas (2018), ao contrário do *testemunho obrigado ou convocado*, que acontece no espaço judiciário, o *testemunho voluntário* “tem o potencial de preencher o espaço não contemplado pelo testemunho em juízo, pelas sensações e sentimentos em relação ao ocorrido” (VARGAS, 2018, p. 236). A proposta de Mariluce, nesse sentido, vai ao encontro dessa potencialidade do testemunho voluntário, uma vez que a intenção da autora é contar como repercutiram nela os acontecimentos do período da sua militância na ditadura. Nesse sentido, as obras de Derlei e Sylvia também são favorecidas pelas características desse tipo de testemunho que permitem o registro de impressões subjetivas. Assim, o testemunho das três autoras, expresso na forma literária, abarca uma subjetividade e trata de temas específicos que





possivelmente não teriam espaço em outros formatos de testemunho ou em outras condições de demanda por relatos de experiência.

Neste ponto da minha apresentação, expliquei a análise das obras até aquele ponto havia delineado algumas respostas às perguntas norteadoras da tese como o que as autoras contaram? como contaram? o que haviam silenciado, esquecido, recalçado? Quais estratégias de autorrepresentação utilizaram? Assim, já tendo por base algumas respostas parciais, segui com a investigação de *A revolta das vísceras*, *No corpo e na alma* e *Réquiem por Tatiana* no Capítulo 3, “Gênero, repressão política e a escrita sobre a violência”. Com o intuito de investigar os recursos escolhidos por Mariluce, Derlei e Sylvia para representar situações que envolviam cerceamento de direitos e liberdade, dor e violência, explorei a escrita das autoras no que dizia respeito à repressão política e às torturas sofridas enquanto estiveram sob a tutela do Estado, observando as consequências dessa experiência que fez a perda, o luto e a dor passarem e/ou tornarem-se centrais nas narrativas estudadas.

Como dito anteriormente, cada autora elegeu uma forma própria para, articulando a linguagem, dar sentido à experiência. Cada narrativa, além de ter sido emoldurada por cada contexto de escrita, também foi construída a partir do recorte da realidade estabelecido por cada autora. Apontei que os três livros continham assuntos em comum, mas a maneira que cada autora abordou os temas foi único, assim como a forma como mobilizaram seus afetos como potência de resistência. Neste capítulo, a escrita sobre a violência também seguiu caminhos distintos em cada obra, tanto em relação ao que foi contado, quanto à forma como foi contado.

Em *A revolta das vísceras*, Clara fala sobre a dor que ainda carrega, no presente da escrita da carta, causada pelo assassinato do seu companheiro. A autora, Mariluce Moura, explicou, anos depois, que escreveu como uma forma de lidar com a ausência de Gildo Lacerda. Contudo, conforme discorre Leonor Arfuch (2013, p. 116), “*haytiempos para poder decir*”. No contexto em que o livro estava sendo escrito – período de transição da ditadura para a democracia – os sobreviventes e ex-presos políticos passaram, conforme discorre Mariana Joffily (2016, p. 168), “a impor-se uma agenda de denúncia das mortes e desaparecimentos de seus companheiros”. Assim, de acordo com a autora, não havia na sociedade espaço de escuta para outras modalidades de crimes cometidos pelo Estado, ainda mais para aqueles que continham violências específicas contra as mulheres. A urgência, naquele momento, era identificar onde estavam os desaparecidos políticos e o que havia



ocorrido a eles. Dessa forma, a escolha de Mariluce por escrever sobre como repercutiu nela a morte de Gildo Lacerda, denunciando-a, deve ser compreendida dentro deste contexto.

No momento de escrita e publicação de *No corpo e na alma* e *Réquiem por Tatiana* já havia ocorrido uma ressignificação da violência contra a mulher na sociedade, como destaca Joffily (2016). Segundo a autora, essa transformação, propiciada por anos de luta do movimento feminista, aliada ao desenvolvimento dos estudos de gênero, contribuiu “para a criação de um espaço social de escuta capaz de acolher as denúncias dos abusos sofridos durante as ditaduras militares sob uma nova chave de compreensão” (JOFFILY, 2016, p. 170). Este novo cenário possibilitou especialmente a escrita de Sylvia de Montarroyos que, das três autoras, foi a única que relatou sofrer abuso sexual na tortura e o levou para a sua narrativa. Além disso, Sylvia descreveu com muitos detalhes todas as torturas as quais foi assujeitada, evidenciando, no seu relato, aspectos da violência de gênero que não tiveram espaço nos demais textos analisados.

Ao olhar para as três obras, percebo que as autoras articularam a linguagem de formas diferentes para dar conta das suas propostas. Mariluce, que fala da dor da sua perda, utiliza uma linguagem poética, facilitada pela escolha de escrever uma autoficção. Derlei e Sylvia, ao optarem por uma escrita autorreferencial, narram de forma mais objetiva, mas não sem dor. As três foram diretamente afetadas pela violência do Estado e a narrativa de cada uma reflete a forma como foram atingidas por essa violência, a partir da escolha estética e da subjetividade de cada autora. Além disso, a forma como cada uma mobilizou os recursos disponíveis para resistir à ditadura também se fez presente na escrita, diferenciando-as. Assim, foi possível pensar, tendo em vista o que foi exposto, que não há uma narrativa homogênea sobre a resistência à ditadura civil-militar brasileira marcada pelo gênero.

Por fim, evidenciei um último ponto acerca da narrativa sobre a violência, em particular a experiência sobre a tortura, fortemente marcada pela centralidade do corpo. Conforme discorre Elizabeth Jelin (2011), a violência repressiva violou a privacidade e a intimidade do torturado, rompendo com a linha que divide, no âmbito cultural, o que compete ao espaço público e ao privado. Assim, de acordo com a autora, a incorporação da experiência da tortura numa narrativa que, necessariamente, é pública, no sentido de que deve ser compartilhada, depende do quanto cada indivíduo está disposto a/tem condições de expor sua intimidade. Em suas palavras, “*esta reconstrucción involucra entonces el control, por parte del sujeto, de sus silencios en las narrativas personales. Estos silencios no son olvidados, sino*





*opciones personales como 'un modo de gestión de la identidad'*” (JELIN, 2011, p. 564). Dessa forma, pode-se dizer que a narrativa de cada autora sobre a tortura sofrida certamente passou por essa tentativa de manter um precário equilíbrio entre a publicização da experiência e a preservação da intimidade.

As escritas elaboradas por Mariluce, Derlei e Sylvia, de acordo com o estudo efetuado, estão atravessadas por marcas de gênero. Considerei como uma das principais a construção discursiva da feminilidade. As autoras escreveram, com diferentes graus de importância, sobre questões que geralmente estão associadas ao universo feminino: vaidade, vestimenta, comportamentos considerados adequados às mulheres. Também abordaram questões ligadas às suas vivências como mulheres, como o aborto e a gravidez. Nas organizações, como visto anteriormente, a gravidez e a maternidade foram amplamente discutidas entre os militantes, a paternidade não. Assim, a responsabilidade pela criação de um novo ser recaiu nas mulheres (nada muito diferente dos dias de hoje), mesmo quando os dois genitores faziam parte dos movimentos de resistência. Contudo, não há na narrativa das autoras espaço para vitimizações ou arrependimentos, mas há para a reinvenção discursiva da maternagem num contexto de violência e repressão, por exemplo.

Por essas e outras demarcações, aponte que considero o gênero uma perspectiva potencial para a análise tanto dos testemunhos femininos (e também masculinos) sobre a ditadura civil-militar brasileira. Como Isabel Piper (2015) observa, e como foi comprovada na minha pesquisa, a maneira como o passado é reconstruído está sempre atravessado pelo gênero do sujeito que recorda – e isso vale tanto para mulheres quanto para homens. Dessa forma, terminei a apresentação apontando que o gênero, como metodologia de pesquisa, se estabelece como uma clivagem importante nos estudos sobre a memória.

### **Fontes**

DE LUCA, Derlei Catarina. *No corpo e na alma*. Criciúma, Ed. Do autor, 2002.

MONTARROYOS, Sylvia de. *Réquiem por Tatiana*. Recife: Cepe, 2013.

MOURA, Mariluce. *A Revolta das vísceras*. Rio de Janeiro, Codecri, 1982.

### **Referências**



ARFUCH, Leonor. **Memoria y autobiografía:** exploraciones en los límites. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2013.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação:** formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Lima: IEP, 2012.

JELIN, Elizabeth. **La lucha por el pasado:** cómo construimos la memoria social. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2017.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Lima: IEP, 2012.

JELIN, Elizabeth. Subjetividad y esfera pública: el género y los sentidos de familia en las memorias de la represión. **Política y Sociedad**, vol. 48, n. 3, 2011, p. 555-569.

JOFFILY, Mariana. Violências sexuais nas ditaduras militares latino-americanas: quem quer saber? *SUR – Revista Internacional de Direitos Humanos*, v. 13, n. 24, p. 165-176, 2016.

TELES, Janaína de Almeida. **Memórias dos cárceres da ditadura:** os testemunhos e as lutas dos presos políticos do Brasil. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História Social, São Paulo, 2011.

VARGAS, Mariluci Cardoso de. **O testemunho e suas formas:** historiografia, literatura, documentário (Brasil, 1964-2017). Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2018.